

REVISITANDO A FONÉTICA/FONOLOGIA DA LÍNGUA XERENTE AKWĒ:
UMA VISÃO COMPARATIVA DOS DADOS DE MARTIUS (1866)
A MAYBURY-LEWIS (1965) COM OS DE BRAGGIO (2004)*

SILVIA LUCIA BIGONJAL BRAGGIO**

RESUMO

Em artigo anterior apontei que, a partir de 1996, percebi a constante observação dos jovens Xerente AkwĒ de que “não entendem a língua dos mais velhos” e a dos mais velhos, de que “não é Xerente o que os jovens falam”. Como já havia constatado anteriormente que o problema não está na passagem da língua de uma geração à outra, comecei a trabalhar com os empréstimos de Português (L2) para o Xerente AkwĒ (L1), considerados marcadores sensíveis de uma dada situação sociolingüística. Como uma decorrência desse primeiro momento, neste artigo trato destes empréstimos e de aspectos dos processos fonético-fonológicos da língua Xerente AkwĒ, partindo dos dados de Martius (1866) e de Maybury-Lewis (1965), comparando-os com os dados de minha pesquisa em andamento e de outras anteriores, na tentativa de começar a verificar se a língua está em processo de obsolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Xerente akwĒ, fonética/fonologia, empréstimo.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Xerente AkwĒ, da família Jê (RODRIGUES, 1986), compõem-se de 3.100 indivíduos que habitam a Área Indígena Xerente, no estado do Tocantins. Desde 1988, venho trabalhando com aspectos da língua desse povo. Em artigo anterior apontei que, desde 1996, (BRAGGIO, 1997), venho percebendo a constante observação dos jovens de que “não entendem a

* Este texto faz parte do projeto Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (descrição e análise) e Tipologias Sociolingüísticas, do qual sou coordenadora, pesquisadora e orientadora. Esse projeto é desenvolvido interinstitucionalmente com a UnB.

** Professora titular de Lingüística da Faculdade de Letras-UFG.
E-mail: silvia.braggio@pesquisador.cnpq.br

língua dos mais velhos”, e a dos mais velhos de que “não é Xerente o que os jovens falam”. Eles já assumem que tem “duas línguas, a dos mais velhos e a dos mais jovens”, e que o problema não está na passagem da língua de uma geração a outra (BRAGGIO, 2003). Comecei, então, a trabalhar com os empréstimos de Português (L2) para o Xerente Akwẽ (L1), pois acredito que sejam marcadores sensíveis de uma dada situação sociolingüística, na qual concepções divergentes sobre o que se entende por “língua” emergem, baseando-me nas situações sócio-históricas, políticas e culturais. Ao trabalhar com os empréstimos, observei processos fonológicos que podem ser apontados como uma das causas do “não-entendimento” entre as diferentes gerações.

Portanto, a partir de 2003, comecei a trabalhar com as diferenças fonético-fonológicas em dados coletados/gravados com três diferentes gerações: a) de 12 a 20 anos (mais jovens); b) de 21 a 49 anos (relativamente jovens) e de c) 50 em diante (mais velhos). O material incluía palavras isoladas, frases, conversações e textos orais e escritos. As mulheres e as crianças até 12 anos que não migraram para a cidade têm menos uso do português. Na verdade, se considerarmos as gerações ora existentes, temos quatro gerações, pois, na concepção do IBGE, a diferença entre uma geração e outra é de vinte anos. A nossa divisão é bastante adequada, dado o fator “estudar na cidade”. Então, considerando uma “família”, temos: os genitores com mais de 50 anos (1ª geração), os filhos dos genitores de 21 até 49 anos (2ª geração), os filhos desses genitores com até 20 anos (3ª geração), e os filhos desses mesmos genitores com menos de 20 anos (4ª geração). Há genitores de mais de 40 anos que têm filhos de 20 anos e bebezinhos de colo. Em uma das famílias observadas, o pai e a mãe têm mais de 40 anos e 10 filhos. Embora seja um fator também relevante no uso da(s) língua(s), o aspecto “sexo” não será tratado neste artigo.

Os empréstimos de L2 para L1 e os processos fonológicos que vêm ocorrendo na língua Xerente Akwẽ são os tópicos deste artigo. A fim de ter uma visão histórica do assunto, parto dos dados de Martius

(1867, em MAYBURY-LEWIS, 1966), de Maybury-Lewis (1966) e dos dados coletados por essa autora, a partir de 1988, e por outros membros da equipe do projeto que vem trabalhando com a língua (a partir de 1998). O dicionário de Krieger & Krieger (1994) tem sido utilizado para esclarecer dúvidas sobre a língua. Este artigo apenas começa a tentar desvelar se a língua continua vitalizada ou se está em processo de obsolescência. Vários outros aspectos sobre este assunto deverão ser tratados em futuros artigos.

2 OS EMPRÉSTIMOS DE L2 PARA L1 ENTRE AS DIFERENTES GERAÇÕES

Através dos empréstimos, pude observar entre os Xerente Akwẽ uma situação de conflito entre gerações, em relação ao uso que fazem da própria língua, em contato com o português. Com a instauração da escrita na comunidade, há entre eles, no momento, uma discussão mais acirrada sobre qual variedade de fala é a “verdadeira língua” e qual deve ser usada e adotada nos materiais escritos que eles próprios estão elaborando. Os exemplos a seguir mostram o tratamento e o uso das palavras emprestadas pelas diferentes gerações:

Português	Xerente (+velhos, +-jovens)	Xerente (+-jovens, +jovens)
chinelô	<i>dapra hã</i>	<i>Rãbret</i>

Em *daprahi* temos:

da	-pra	hã
pph- ¹	pé	casca/pele, algo como “casca para proteção do pé”

O empréstimo dos mais jovens, *rãbret*, vem do português regional “lambreta”, nome dado ao chinelô do tipo havaiano. No primeiro caso há uma criação (GROSJEAN, 1983) pela combinação (composição) de duas palavras já existentes na língua e que nela se integram. Na frase “O chinelô é novo” temos:

da -prahã	tem-di
pph-chinelô	novo - qualificador

No caso de *rābret*, temos um empréstimo com uma adaptação fonológica: o [r] substitui o [l], que não ocorre como fonema na língua e com um apagamento da vogal final, processo típico da fala dos relativamente jovens e dos mais jovens, como em caderno: *cadern*, caneta: *canet* etc. Em fase de estudo, acredito que o acento, em Xerente Akwẽ, na última sílaba da palavra, língua de predominância aglutinante, é bastante significativo e tem não só a ver com esse tipo de apagamento, mas com outros apagamentos na língua, como veremos adiante. Esse acento, quando da aglutinação de outros elementos, como marcadores de substantivos, adjetivos etc., leva as sílabas iniciais da palavra, no *onset*, a ficarem fracas, do lado esquerdo, ocorrendo o apagamento de vogais e consoantes, e também na coda, principalmente em substantivos. Usada na frase, *rābret* se integra perfeitamente a ela, da mesma forma que *da-prahi*.

Percebe-se, portanto, que ambos os termos passam pela língua antes de serem a ela incorporados, mas de formas diferentes. Enquanto a geração mais velha emprestou novos termos, criando-os a partir da própria língua, os relativamente jovens e os mais jovens, adaptam esses termos à fonologia da língua, ou seja, as formas passam pelo filtro da língua, mas são bastante semelhantes ao português. Há falantes mais jovens que usam fonemas do português quando falam Xerente, no caso de empréstimos. Embora alguns professores reclamem da mistura de línguas e do fato de os pais não quererem que seus filhos sejam alfabetizados na língua, grande parte deles usa as formas dos relativamente jovens, principalmente na fala, pois essa é a variedade que os abaixo de 49 anos usam.

Na verdade, tudo indica que a variedade dos relativamente jovens é a mais usada (uma abordagem com a medida de frequência será um tópico bastante importante para se definir essa questão). Há vários outros exemplos de nomes/substantivos que apresentam a mesma variação:

Português	Xerente (+velhos)	(+-jovens)	(+jovens)
papel	haisuka (fólia para escrever)	hesuka/papé	papé
lápiz	ikuikreze (coisa com que a gente escreve)	ikuikreze/rápi(s)	rápi(s)
radio	târãme(me) (ferro que fala)	had(i)	had(i)
escola	rowahitze (lugar de ensinar)	rowahitze/scoRa	scora
bicicleta	sumzari (feito o cavalo)	sumzari/bicicret	bicicret
melancia	wde krukraize	wde krukreze/mrãsi	mrãsi
laranja	wde krãikuze	wde krẽkuze/rarã	rarã

Um dos auxiliares de pesquisa, de 20 anos, que estuda e mora na cidade de Tocantínia, deu-me o seguinte exemplo para “casa velha/abandonada”: *krive* [kri'vɛ]. Nesse exemplo ele usa *kri* = casa em Xerente Akwẽ e *vɛ* = velha em português, um *loan blend* (GROSJEAN, 1983), com termos das duas línguas, apagando a sílaba final e introduzindo o [v] que não existe foneticamente no Xerente. Veja-se que a palavra emprestada tem os segmentos/sílabas apagados à direita, a partir de onde recai o acento em “velha”: [ˈvɛɫɔ]. Veja seu uso na frase pelo mesmo falante:

A frase pedida foi: Esta casa é/está velha/está em estado de velha.

kõhõ	<i>krive</i>	ktadi
Esta	casa – velha	muito – qualif
[kõ'hõ]	kri'vɛ	ka'di]

Além dos nomes/substantivos comuns, pode-se observar que os empréstimos abarcam termos da língua, tais como os de parentesco, e formas livres como conjunções e advérbios: então, ainda, mas, também, depois. Observe os exemplos a seguir:²

“A primeira língua que a criança fala é a língua estranha... português... falando **mamãe e papai**”.

“Na minha comunidade a primeira língua que usa é **mamãe... papai e vovó... vovô ou paire e mãere**”.

“A primeira língua que a criança fala é a Akwẽ... mas substituindo com palavras do português”.

“As crianças estão misturando... por exemplo... **Mamã** karo wa za kazu.”

(Mamã vai pilar arroz).

“Eles (todos) misturam... Falam assim: “Kupazu wat kmẽka **mas café** it kmẽ kãrkõr”.

(Comprei farinha, mas café não comprei)

Esses últimos exemplos também foram observados por mim quando das discussões entre os professores, em sala de aula, e em conversas fora da sala de aula. Numa checagem com um professor ele afirma que “as crianças falam hoje muito misturado como na palavra chapéu... *chapé*... que em Akwẽ é *krẽ hewamtro* [krẽ hewam'tro]... trocando o nome de todas coisas” (na verdade, as crianças pequenas usam [ʃa'pɛ], pois até a faixa dos 12 anos não apresentam o som [ʃ], ou não apresentarão enquanto não saírem da aldeia).

A partir desse exemplo pode-se constatar que há duas formas para um mesmo termo, em estado de variação, quando falam Xerente. A primeira variante usada pelos mais velhos e relativamente jovens, *krãĩ hẽwamtro/krẽ hewamtro*, e para a geração relativamente jovem e mais jovem, cotidianamente, informalmente, *chapé/ʃapé*. É importante notar que o som [ʃ] não faz parte da matriz fonológica da língua Xerente (KRIEGER & KRIEGER, 1994), mas os mais jovens, os que têm mais contato com o português na cidade, já usam tanto esse fonema quanto outros, quando falam português, e em Xerente Akwẽ, quando usam empréstimos. As crianças pequenas e as mulheres mais velhas – e com menos contato com o português – fazem a aproximação do [ʃ] ao [ʃ̣], o que pode ser visto também nos materiais escritos das crianças que estão adquirindo português (os materiais escritos das crianças, coletados de 1998 a 2000, têm sido preciosos na análise da língua, pois a L1 da criança está sempre presente na aquisição da L2). A forma convencional – por exemplo, lápis, caderno etc. – é usada nos materiais escritos. Sendo assim, os empréstimos lexicalizados na língua Xerente podem apresentar uma forma filtrada pela língua e um outro que introduz fonemas do português nela inexistentes, como /f/, /v/, /ʃ/ etc. No dicionário dos Krieger, a palavra chapéu aparece grafada como *krãĩ hẽwamtro*.

— | |

— | |

Não ignoro que os empréstimos podem ser uma fonte de enriquecimento lexical e que isto tem ocorrido historicamente entre as línguas. Minha preocupação está no fato de estar tratando aqui de línguas com poderes políticos desiguais, em que empréstimos entram aceleradamente na língua, via educação e tecnologia, sem tempo de passar pelo filtro da língua, e nem mesmo de serem criados. Em artigos anteriores (BRAGGIO, 1997, 1998), eu já apontava essa situação e sua relação com a educação escolar indígena. A partir de 2003 venho coletando inúmeros empréstimos, mas creio que os anteriormente apontados são suficientes para se ter uma idéia do conflito lingüístico entre as gerações. Há inúmeros itens lexicais da esfera do cotidiano que os mais velhos desconhecem e há também aqueles da esfera privada que os mais jovens não dominam, o que, de meu ponto de vista, é uma das causas do “não-entendimento” entre eles. Em uma comunidade pequena como a Xerente esse fato causa um certo desconforto para aqueles que procuram sinais de vitalização ou obsolescência da língua, pois, embora a língua esteja viva e sendo passada de geração a geração, ao compararmos os dados coletados por Martius (1867, em MAYBURY-LEWIS, 1966), por Maybury-Lewis (1966) – não necessariamente empréstimos – e por mim, as diferenças parecem ser mais rápidas do que se espera em situação de variação e/ou mudança lingüística, isto é, dos processos que têm ocorrido ao longo desse período dentro do âmbito da fonética/fonologia.

3 ASPECTOS DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS ENTRE AS GERAÇÕES

Há, em Xerente Akwẽ, um processo de apagamento de consoantes e vogais. O apagamento tem sido uma constante na língua e torna-se cada vez mais freqüente entre os relativamente jovens e os mais jovens. A fim de traçar uma linha histórica de como tem-se dado o apagamento na língua Xerente Akwẽ, apresento primeiramente as diferenças entre alguns dados de Martius (1867, em MAYBURY-LEWIS, 1966) e de Maybury-

Lewis (1966), com o objetivo de descrever (no sentido clássico) alguns processos fonológicos que vêm ocorrendo na língua, além do apagamento. A fim de explicá-los, não os estou considerando como fonemas, mas como fones.

Martius	Maybury-Lewis	
1. kouacong	wakõ	coati/quati
2. couan-riai	warã	Tatu
3. nononou-da	nrõu-da	Tucano
4. noron	nrõ-udé	Palmeira
5. nojeu	nõzê	Milho
6. poucouanai	ponkwané	Dois
7. maipranai	mrêprané	Três
8. dadou-da-di	da-pkê	Barriga
9. danescrí	da-skri	nariz dele
10. doujée	duzê	Açúcar
11. dicran	da-krã	Cabeça
12. quacacrodi	waká-di	Preguiçoso
13. creboudi	krebu-di	Sedento

De acordo com os dados de Martius e Maybury-Lewis é possível apontar algumas variações e/ou mudanças efetuadas na língua, no espaço de tempo que vai de um autor a outro. Nesse item, a fonologia será linear, em vista de dúvidas que tenho em relação à transcrição dos dados. Logo, os casos duvidosos de transcrição não serão tratados. Posteriormente, os casos tratados serão cotejados com os processos fonológicos ora em andamento na língua, dentro da fonologia não-linear, a fim de especificá-los de maneira mais adequada:

Processos fonológicos de Martius a Maybury-Lewis

Consoantes

APAGAMENTO DE CONSOANTES OCLUSIVAS

3.1 *Apagamento do *g, no final da palavra, provavelmente uma variante de [k]*

*g → ø_#

1. kouacong

*kouaconø

2.2 *Apagamento do [k] (oclusiva velar surda) em início de palavra quando seguido de VV(V) oral*

(k → ø/#_VV(V))

1. couan-riai
*øouan-riai
2. kouacong
*øouacong
3. quacacrodi
*øuacacro-di

3.3 *Assimilação e apagamentos de consoantes nasais alveolares*

3.3.1 *Assimilação regressiva da nasalidade da consoante nasal alveolar em final de palavra pela vogal precedente e apagamento da consoante nasal alveolar:*

[V] → [Ṽ]/_Nalv#

[n] → [ø]/_#

1. kouaconø
*kouakðøø
2. dacran
dakrañø
3. noron
norðø

3.4 *Apagamento de sílaba fechada por nasal alveolar: consoante + vogal oral do prefixo, quando a consoante nasal for seguida por vogal oral; bloqueio: não há assimilação da nasalidade pela vogal oral do prefixo pessoal de humanidade:*

1. -danescri
*-daøescri

3.5 *Variação consonantal*

1. ([n] → [r]/\$_VV)

[nonouda] ® *norouda.

2. *j @ /z/\$_VV#
nojeu → *nozeu

De 123 itens descritos por Martius e Maybury-Lewis foram encontrados apenas 14 exemplos com [j] em *onset* silábico e apenas uma variação [n] → [r] em *onset* silábico. Na língua atual, o *j já não existe; /n/ e /r/ são fonemas distintos em Krieger & Krieger (1994).

APAGAMENTO DE VOGAIS

3.6 Apagamentos de vogais orais, monotongação e consonantização:

V → ø/C_(V)C

1. nonou-
nønou- → nrõ
2. norõ
nørõ → forma atual: nrõ
3. kouacong
*køuacong → forma atual: wakõ

3.7 Monotongação:

VV → V

1. eu → e/_#
nojeu
*noje → forma atual: noze
2. ai → / e_#
pouncouanai
*poncouane → forma atual: pōkwane
3. ou → u/_#
*crebou
krebou: forma atual
4. ou → o/C_C
pouncouanai
*poncouanai → forma atual: pōkwane

3.8 Consonantização: VV → C

1. ou → w/Ck_Va
kouacong

*kwakong → forma atual: wakõ
pouncouanai
*pounkwanai → forma atual: põkwane

A seguir apresento os processos fonológicos que ocorrem na língua, a partir do *corpus* atual, entre as três diferentes gerações, a partir da sílaba e do acento.

4 PROCESSOS FONOLÓGICOS E SUAS IMPLICAÇÕES: A LÍNGUA ATUAL

Como no *corpus* deste trabalho pode-se ter certeza do local do acento na língua – última sílaba da palavra (simples ou complexa), portanto acento demarcativo e não-distintivo – podem-se levantar hipóteses plausíveis para a variação e/ou sua mudança na língua. Parto dos exemplos encontrados no *corpus* do banco de dados do projeto, ao mesmo tempo em que aponto se os processos anteriormente descritos permanecem na língua. Como se pode observar, esses processos fonológicos têm bastante força na língua e continuam em andamento nas gerações relativamente jovem e mais jovem. A distância entre a fala dos mais velhos e a dos mais jovens é perceptível quando se observam as possibilidades fonético-fonológicas entre as gerações.

4.1 *Apagamento de vogal à esquerda e à direita do núcleo da sílaba em palavras com mais de uma sílaba:*

+velhos	+jovens	+jovens
1. pesede'di~pese'di	pøse'di	'pseø'pøe
2. pete'di	pøte'di	
3. kuburoin'ti	køburøi'ti	købørøi'ti
4. -bu'du	-'bødu ~ -'pødu ~	-'pøtu

Os empréstimos cotidianamente usados apresentam a mesma característica:

1. escola: skora [s'kɔra]
2. soldado: surdá/surtá [sur'da/sur'ta]

3. carro: kah [ˈkah]
4. melancia: mrāsi [mrāˈsi]
5. laranja: rarā [raˈrā]
6. caneta: kanet [kaˈnet]
7. lambreta: rābret (chinelo havaiana) [rāˈbret]
8. cigarro/inho: sikaḥ /sikaḥi [siˈkah] [sikaˈḥi]
9. capitão (antigo nome para chefe da aldeia): kaptō [kaˈptō]
10. gato (bichano): pisano ~ psano [piˈsano] ~ [ˈpsano] ~ [biˈsano] ~ [ˈbsano]

Além do mais, nota-se que, quando estão falando Xerente com os empréstimos não-criados, estes podem não receber classificadores.

Os processos anteriormente apresentados mostram que, fonotaticamente, a língua em uso no momento possui:

a) *onsets* silábicos preenchidos por qualquer consoante e por combinação de consoantes (veja possíveis combinações a seguir);

b) *onsets* preferencialmente preenchidos por consoantes (veja-se *skora*, *dan-escrī* → *da-skri*) etc. As vogais que iniciam palavras no núcleo silábico são “a” e “ĩ”, sendo o seu número bastante reduzido. Minha hipótese, a ser testada, é a de que havia uma consoante que antecedia a vogal na sílaba, provavelmente [k] e/ou [h], que foram apagadas, por estarem à esquerda da sílaba nuclear, por fazerem parte de uma classe natural e por serem um processo ainda vigente na língua;

c) codas em final de palavra usualmente não preenchidas, coda \emptyset . As consoantes que preenchem codas nas sílabas são poucas: a nasal “m” e a oclusiva “t”; as que podem ser encontradas depois do apagamento do “ĩ”, “a”, “e” no núcleo da sílaba são “r”, “s”, “z”, “p”, e ficando sozinhas/leves na coda acabam por apagar-se, por não se sustentarem nessa posição. Com os empréstimos as palavras terminadas com consoantes na coda são mais freqüentes.

A reestruturação silábica pode ser observada através de outros processos:

4.2 *Sílabas CVV → CV no núcleo da sílaba:*

+velhos	+jovens	+jovens	
Cai → Ce			
haipu'ku	hepu'ku	he'pku	“ferida”
Cāi → Cē			
-hikrāi'ti	-hikreḐ'ti	-øikreḐ'ti	“joelho”

4.3 *Apagamentos consonantais em substantivos no onset:*

+velhos	+jovens	+jovens	
[h] → ø			
da -'hi	da -'hi	da -'øi	“osso (humano)”
[k] → ø			
mā'krā	mā'ørā	mørā	“anoitecer”

4.4 *Apagamentos vocálicos de vogais em finais de verbos:*

[a] → ø			
kwa-'za	'kwa-zø	'será?"	
[i] → ø			
wapa-'ri	wapa-'rø	“ouvir”	
kuzu-'ri	kuzu-'rø	“insistir”	
kwā-'ri	'kwā-rø	“cortar madeira”	
nĩnā-'ri	nĩ'nā-rø	“perguntar”	
[i] → ø			
kwapisi-'si	kwa'psi-sø	kwapsø	“bater”

Esses apagamentos apontam para duas hipóteses: gramatical e fonológica. No caso da primeira, o apagamento estaria sendo utilizado no verbo como um processo gramatical. A segunda pode ser elaborada através da prosódia, deslocamento do acento da palavra núcleo para a última sílaba e conseqüente apagamento da vogal quando um outro elemento é a ela adicionado, como tem ocorrido na língua. A permanência do [s], do [z] e do [r] parecem ser suficientes para marcar a classe verbal.

Por não encontrar até o momento uma razão gramatical para esse apagamento, estou trabalhando com a segunda hipótese, no que se refere às palavras complexas, aquelas que apresentam mais de uma categoria gramatical adicionada ao N ou ao V, a maioria na língua, como nos exemplos a seguir:

Variedade da geração mais velha (também dominada pela geração relativamente jovem).

- 1a. #si#kupi+si+bi+ze#
sikupisibi'ze: coberta (colcha, lençol etc.)
si = (reflexivo (partícula))
kupi = cobrir
si = marca de infinitivo de uma determinada classe verbal
bi = Qualif.
ze: Nominalizador

Variedade mais usada pela geração relativamente jovem e mais jovem

- 1b. #si#kups+bi+ze#
sikupisibi'ze
sikupøsobize
sikupsbi'ze: coberta
- 2a. #da-hi+kräi+ti#
dahikräi'ti: joelho dela(e)
da = Pref. human. dele(a)
hi = osso
krä = cabeça
i = Qualif. (redondo)
ti = Qualif.
- 2b. #da-hi+kräi+ti#
da-øi+krê+ti
i = osso
krê = Qualif. Redondo
ti = Qualif.
daikrê'ti: joelho dela(e)

4.5 *Variação dos segmentos consonantais de acordo com a geração:*

Relativamente jovens e mais jovens

[b]~[p]
[d]~[t] 1. [-bu'du] ~ [-pu'du] ~ [-'pdu] “pescoço”

- | | |
|----------------------------|-----------|
| 2. [-'bdu]~[-'btu]~[-'ptu] | “pescoço” |
| 3. ['rdu]~['rtu] | “áspero” |
| 4. [ai'kte]~[ai'kde] | “criança” |
| 5. ['tbe]~['tpe] | “peixe” |

O empréstimo também é útil para explicitar essa variação:

1. [pi'ʃãno] ~ [pʃãno] ~ [biʃano] ~ [bʃano] “bichano (gato)”

Está também em andamento entre os mais jovens o apagamento do [r] em sílaba Cr(C)V:

1. [krwa'par]~[kɔwa'par] “ouvir”

É importante notar que, neste exemplo, a sílaba CCCV→CCV o [r] pode ser percebido pelo falante mais jovem como a vogal [i], pertencentes à classe natural da língua.

4.6 *Variação vocálica:*

+jovens e +jovens

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| [o]~[ɔ] | |
| 1. [-nɔi'to]~[-nɔi'tɔ] | “língua” |
| 2. [s-po'kre]~[s-pɔ'kre] | “orelha” |
| 3. [krɔ-a'pa]~[kro-a'pa] | “macaco barriga → barriga do macaco” |
| [e]~[ɛ] | |
| 1. [z-awre'di]~[z-awɛ'di] | “ser grande” |
| 2. [seki'di]~[sɛki'di] | “dolorido” |
| 3. [ai'kte]~[ai'ktɛ] | “criança” |

5. TIPOS DE SÍLABAS

A partir dos dados apresentados, podem-se estabelecer os possíveis tipos de sílabas:

- | | | |
|---------|----------|-----------|
| 1. ó V | [a'ke] | “semente” |
| 2. ó VV | [ai'kte] | “criança” |
| 3. ó VC | [am'ke] | “cobra” |

4. ó CV	[w a]	“papagaio”
5. ó CVC	[tem ’di]	“cru”
6. ó CVV	[kui ’hi]	“jacaré”
7. ó CCV	[tpe]	“peixe”
8. ó CCVV	[krâi ’ti]	“formiga”
9. ó CCVC	[prum ’kwa]	“aquele que reparte”
10. ó CCCV	[tbro]	“atravessar”
11. ó CCCC	[ku’ pkrtâ]	“taboca (planta)”

Como se pode observar, historicamente, a sílaba CV está dando lugar a sílabas qualitativamente mais pesadas nos *onsets* – com os apagamentos e/ou assimilação das vogais em sílabas átonas – e leves ou ausentes na coda. O apagamento das vogais teve origem com as vogais homorgâmicas, mas tem-se espalhado para outros ambientes.

Todavia, há que se considerar a existência de formas plenas e reduzidas. Algumas palavras podem ser facilmente reconstituídas, como *tebe* → *tbe* ou *tepe* → *tpe*: peixe; outras, complexas, são mais difíceis, como *kupkrtâ*: taboca. No dicionário dos Krieger encontram-se consoantes geminadas. Pelos exemplos, observa-se que: a) elas ocorrem justamente pelo apagamento da vogal átona semelhante da primeira sílaba, como em *tete* → *tte*: endurecer; *kaka* → *kka*: tossir; ou b) pela inserção do prefixo relacional ao Nome ou ao Verbo com uma consoante semelhante seguinte, como em *{n}nâkrada*: começar. Em ambos os casos contam-se duas consoantes no *onset* e não uma consoante longa, o que está contemplado na sílaba CCV. Por outro lado, como existe a variação entre formas plenas e reduzidas, devo considerar as formas plenas para a proposta de escrita na língua que apresento em artigo posterior. Essas ocorrências não são tratadas dentro do quadro das possibilidades da organização fonotática que apresento a seguir.

6 FONOTÁTICA

As possíveis combinações consonantais e vocálicas encontradas nos *onsets* silábicos da língua em uso são apresentadas a seguir:

• Consoantes

ó CC

ó [p/b {d, t, k, s, r, n}]

ó [t/d {b, p, k, r, w, m}]

ó [k {p, b, t, d, m, n, r, w}]

ó [m {b, n, z, r, h}]

ó [n {p, t, k, m, s, h}]

ó [r {b, d, t, m}]

ó [s {p, b, t, d, k, m, n, h}]

ó [z {d, k, m, r}]

ó [h {d, t, m, n, r}]

ó [w {t, d, r, s}]

ó CCC

ó [p {kr, td, tk, rb, sb, rk, sd}]

ó [t {br}]

ó [k {br, rd, rt, rp}]

ó [s {br}]

ó CCCC

ó [p {krm}]

ó [p {krt}]

• Vogais

ó VV

ó [a, ã {i, i}]

ó [e, ê {i, i}]

ó [u, û {i, i}]

ó [o, ô {i, i}]

ó [i {i, i}]

Vê-se pelos dados apresentados que as possibilidades de combinação de vogais só são possíveis com uma V qualquer (exceto i) seguida de i ou ã, portanto um ditongo. Lembrando que há um processo de assimilação de [ã] para [ẽ], de [ai] para [e], e de [i i] para [e], existe a possibilidade de que essa variação acabe se tornando em mudança como ocorreu na língua com outras vogais. Esses dados mostram que essas últimas combinações de vogais já se confirmaram como mudança na língua.

De acordo com os dados apresentados alguns processos fonológicos já se efetivaram na língua atual (mudança) e outros continuam co-ocorrentes (variação), dependendo da geração que utiliza a língua, pois

nesta primeira abordagem dos fatores extra-lingüísticos tratei apenas das gerações. Sexo aponta ser uma variável a se considerar em estudos posteriores. Apresento aqui as mudanças, pois as variações foram anteriormente mostradas:

Mudanças

- a) a substituição do *j e a consolidação do [z]: no'jeu → nõ'ze “milho”
- b) o apagamento do *g em final de palavra: g → ø_# coua'cong → wa'kõ “quati”
- c) a substituição de [ou] por [w], ó# VV → CV: ou'a → 'wa “lua”
- d) a substituição de [ou] por [w], óC+ocl+VV → øVV → CV: coua'cong → wa'kõ
- e) a substituição de [õu] por [õ], óC+nas+lat+VV.CCVV → CCV: nrõu'da → 'nrõ
- f) a substituição de [ou] por [u], óC+ocl+VV → CV: cou'jeu → ku'ze “fogo”
- g) a substituição de VV por V em final de palavra CVV# → CV#: mrãipra'nai → mrẽpra'ne “três”
- h) o espalhamento do traço + nasal às vogais que precedem a consoante nasal alveolar em final de palavra, a qual por sua vez é apagada: coua'cong → wakõ “quati”.

Há vários exemplos de pares mínimos com vogais orais/nasais distinguindo palavras, o que indica que elas podem ser fonemas distintos. A partir desses dados pode-se elaborar uma matriz fonética para o atual Xerente Akwẽ, seguindo os parâmetros estruturalistas, em razão de a escrita alfabética ter por base a relação fonema/grafema e de ser esse o tipo de escrita que a criança vai utilizar no processo de aquisição da língua escrita. A escrita espontânea, em que se manifestam as variações, e a correspondência não-biunívoca fonema–letra, tanto do português como do Xerente Akwẽ, foram cuidadosamente examinados à luz da aquisição da língua escrita na L2 por Braggio (1995) e Vieira (2005).

7 MATRIZ FONÉTICA PROVISÓRIA DA LÍNGUA XERENTE AKWĒ³

Consoantes

	Bilabial	Labial	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusiva +Voz -Voz	b p		d t		
Oclusiva -Voz				k	
Oclusiva +Voz					g
Nasal +Voz	m		n		
Fricativa+Voz +retroflexa			ʒ		
Fricativa-Voz +retroflexa			ʒ̣		
Fricativa-Voz					h
Tepe+Voz			r		
Aproximante+Voz		w			

Vogais

Orais

Posterior	Central	Anterior	
u	i	i	altas
o		e ε	médias
	a		baixa

Nasais

ũ	ĩ
õ	ẽ
	ã

É importante observar que a escrita vem sendo construída pelos Xerente AkwĒ e pode ter um papel fundamental na vitalização da língua, pois permite que processos epilingüísticos aflorem. No momento, é fascinante observar como isso está acontecendo. Por exemplo, o livro *Tbê AkwĒ Nĩmtkaikrembbahã* (Peixes da Área Xerente), escrito por eles no Curso de Formação, foi revisto por quatro de seus professores e,

finalmente, por mais um deles, considerado um bom conhecedor da língua escrita Xerente Akwẽ, quando de sua publicação. No livro percebe-se que a escrita não tem ingerência deste último, mostrando mais de uma variedade da língua, na qual ora os vocábulos aparecem com formas plenas, ora com reduzidas, ora com um grafema, ora com outro (variação na língua); segmentação na escrita não totalmente convencionada etc., não só entre os autores, mas na escrita de um(a) mesmo(a) autor(a). Também não houve ingerência de nossa parte, pois, desde o princípio do projeto, a idéia fundamental foi a de que eles fossem criando e resolvendo as questões suscitadas pelo uso real da língua escrita. Veja os exemplos: *tbê ~ tpê*: peixe (variação); *mrẽ pranẽ ~ mrẽpranẽ*: três (segmentação); *ponkwanẽ ~ põkwanẽ*: dois (variação); *sawredi ~ sawre-di*: grande (segmentação) etc.

Tratarei em outro artigo da constituição e segmentação das palavras da língua, levando em consideração que ela tem a ordem S-O-V e é predominantemente aglutinante, ou seja, à base, ou raiz, do Nome e do Verbo, agregam-se outros elementos constitutivos da língua. Por ser extremamente complexo definir o que é uma palavra em uma língua desse tipo, as possibilidades apresentadas deverão ser posteriormente testadas, à medida que o estudo da língua avança.

8 À GUIZA DE CONCLUSÃO

Através desta análise, pode-se notar que, à medida que ocorrem os apagamentos das vogais e consoantes, as sílabas antes basicamente do tipo CV passam a complexas, e as palavras são reduzidas em extensão. Uma frase dita por uma pessoa da geração mais velha (de 50 anos em diante) será diferente de uma usada pela geração mais jovem (de 12 a 20 anos), principalmente pelos jovens que saem para estudar na cidade ou ali habitam, o que confirma o sentimento de que há “duas línguas Xerente, a dos mais velhos e a dos mais jovens”. Conclui-se que, sob esse aspecto, as variações da língua Xerente Akwẽ usadas pela geração

dos mais velhos e pela dos mais jovens estão se distanciando e gerando conflitos entre elas.

Além disso, percebe-se claramente que o léxico é outra fonte de “não-compreensão”, já que a geração dos mais velhos não tem acesso a todas as palavras novas que estão entrando aceleradamente na língua, e a dos mais jovens desconhece muitas palavras conhecidas daquela.

Sem dúvida, há vários trabalhos a serem feitos, dentro e fora do campo da lingüística (BRAGGIO, 2005). Em decorrência desta análise, acredito que uma proposta de segmentação na língua escrita possa oferecer subsídios para uma reflexão sobre o papel da escrita na língua, uma reflexão que considero relevante realizar com os professores Xerente Akwẽ.

REVISITING THE PHONETICS AND THE PHONOLOGY OF THE XERENTE AKWË LANGUAGE:
A COMPARATIVE ANALYSIS FROM MARTIUS (1866), MAYBURY-LEWIS (1965) AND
BRAGGIO (2004) LANGUAGE DATA

ABSTRACT

In a recent article I showed a sociolinguistic typology of the Xerente Akwẽ people. Among the many important aspects of the situation of the language, one called my deepest attention, the misunderstanding between the oldest and the youngest speakers. For advance knowing in advance that the language is spoken by everybody in the reservation, I started to focus my analysis on the borrowings from Portuguese to Xerente and lately on the phonetic/phonological processes under way since Martius and Maybury-Lewis language data were collected. In order to verify the vitality or obsolescence of the Xerente Akwẽ language I am comparing in this article those data to mine ones trying to bring some light into the scenario.

KEY WORDS: Xerente Akwẽ language, phonetics/phonology, borrowing.

NOTAS

1. Na língua Xerente pph = prefixo pessoal de humanidade; é usado obrigatoriamente com partes do corpo e parentesco.

2. Esses últimos exemplos foram conceituados por um professor como interferência de L2 em L1. Alguns termos usados pela geração mais velha são estigmatizados pela geração dos mais jovens. Observe-se que *paire/mãere* são *loan blends*.
3. Na matriz fonológica dos Krieger, as consoantes [p] e [b] e [d] e [t] são fonemas distintos. As vogais [o] e [T] e [e] e [∅] também são fonemas distintos. As demais consoantes e vogais são semelhantes. Daniele Marcelle Grannier e seu orientando Shelton L. Sousa estão revisando a fonologia da língua, se bem que meus estudos ainda podem modificar a matriz fonética.

REFERÊNCIAS

BRAGGIO, S. L. B. *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*. 1981. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

_____. S. L. B. The sociolinguistic situation of native peoples of Central Brazil: from trilingualism to language loss. Artigo apresentado no Symposium on Language Loss and Public Policy, no 1995 Linguistic Institute, University of New Mexico, e publicado em *Inter-ação: Revista da Faculdade de Educação*, v. 1, n. 1, UFG, Goiânia, p. 122-136, 1996.

_____. S. L. B. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira*, v. 1, n. 20, Maceió: UFA, p. 139-170, 1997.

_____. S. L. B. *Projeto de alfabetização como um processo social complexo: aspectos do falar e do escrever bilíngüe indígena*. Parte III, 1998. Processo CNPq n. 301363/85-4, concluído.

_____. S. L. B. Variedade dialetal do Português em contato com uma língua indígena. In: PÉREZ, J. C.; JIMÉNEZ, D. J. (Orgs.). *Estudios de lengua y cultura amerindias II: lenguas, literaturas, médios*. Valencia: Universidade de Valencia, 1998a. p. 124-145.

_____. S. L. B. Contato entre línguas: subsídios para educação escolar indígena. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 121-134, 1998b.

_____. S. L. B. Sociedades indígenas: a escrita alfabética e o grafismo. In: BRAGGIO, S. L. B. (Org.). *Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: Ed. UFG, 1995. p. 139-190.

_____. S. L. B. A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 3/4, p. 19-43, 1999.

_____. S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. *Revista do Museu Antropológico Goiânia*, v. 5/6, p. 9-54, 2002.

_____. S. L. B. Políticas e direitos lingüísticos dos povos indígenas brasileiros. *Signótica Goiânia*, v. 14, p. 129-146, 2003.

_____. S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação, tipologias sociolingüísticas e educação escolar. *Atas do II Encontro Nacional do GELCO*. Brasília: UnB. Disponível em: www.il.unb/gelco. 2003.

_____. S. L. B. On endangered languages. Artigo elaborado para a moderação sobre Endangered Languages, para a Academy for Educational Development. Disponível em: www.glpnet.org. 2004.

_____. S. L. B. Um estudo tipológico sociolingüístico dos Xerente Akwẽ: questões de vitalização. In: BERGEMANN DE AGUIAR, O. (Org.). *Região, nação, identidade*. Goiânia: Agepel, 2005. p. 165-183.

DORIAN, N. (Ed.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

HYMAN, L. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

KRIEGER, C.G.; KRIEGER, W. B. *Dicionário Escolar Xerente-Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista, 1994.

GOLDSMITH, J. *Auto-segmental and metrical phonology*. Cambridge, MA: Blackwell, 1990.

MAYBURY-LEWIS, D. On Martius' distinction between Shavante and Sherente. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo: USP, v. XVI – nova série, p. 16-43, 1966.

MATTOS, R. de. *Fonêmica Xerente*. SIL, 1973.

O'GRADY, W. et al. *Contemporary linguistics*. New York: Bedford, 1997.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

VIEIRA, R. P. F. *O papel da língua nativa na aquisição de uma segunda língua escrita na escola indígena Xerente, Waikarnãse*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2003.

